

Ética Marxista no Sindicato dos Gráficos do Ceará?

Tânia Serra Azul Machado Bezerra *

Resumo: Este texto objetiva analisar a práxis de um grupo de trabalhadores que organiza-se no Sindicato dos Gráficos do Ceará, experienciando um processo de formação política. Inspirados pelo materialismo histórico-dialético trabalhamos com a interseção de fontes orais (histórias de vidas) com fontes escritas diversas (fotografias, jornais, etc). A problemática investigativa anuncia-se ao passo que, mesmo em tempos de fragmentação da classe trabalhadora e de destituição da luta sindical, os sujeitos desta pesquisa, reúnem-se interessados em estudar Marx e as transformações político-econômicas contemporâneas. Estaríamos diante de um movimento de resistência? As reflexões/ações do grupo encontram na ética marxista uma possibilidade de superação da crise enfrentada.

Palavras-Chave: Ética Marxista, Consciência de Classe e Educação.

Abstract: This paper aims to examine the practice of a group of workers to organize in the union of graphs of Ceará, experiencing a process of policy formation. Inspired by historical and dialectical materialism work with the intersection of oral sources (stories of lives) with various written sources (photographs, newspapers, etc.). The research promises to be problematic while, even in times of fragmentation of the working class and dismissal of trade union struggle, the subject of this research, gather up interested in studying Marx and the contemporary political-economic transformations. We face a movement of resistance? The thoughts / actions of the group are in a Marxist ethics possibility of overcoming the crisis faced.

Keywords: Marxist Ethics, Consciousness of Class and Education.

A proposta investigativa que orienta nossas hipóteses de doutoramento intenciona um mergulho no *ser da classe* trabalhadora, em meio a um histórico processo de desarticulação e individualização. Objetivamos, embora pareça pretensioso, ir além das características fenomênicas contemporâneas da dilapidação da subjetividade revolucionária, entendendo ser este um elemento necessário ao enfrentamento de um capitalismo mundializado. A ideia é a aproximação com sujeitos que, resistindo ao tempo e à desregulamentação capitalista, conservam uma ética marxista, pautados em princípios de solidariedade de classe e defesa de um modelo de sociedade que obstaculiza a exploração do homem pelo homem.

* Doutoranda em Educação Brasileira – UFC; Mestre em Educação Brasileira – UFC; Graduada em Pedagogia – UFC; Pesquisadora do LABOR – Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho e Qualificação Profissional; Professora do Curso de Pedagogia FaC – Faculdades Cearenses.

Desta feita, indagações inundam nossas inquietações investigativas: como se constitui a subjetividade revolucionária? O que a nutre? Em que bases se desenvolve e se torna complexa? Ainda é possível pensar em uma práxis revolucionária em tempos de cooptação e descrença? Como as organizações trabalhistas, ante a mundialização do capital, podem intensificar a permanente formação da consciência de classe?

É perante o cenário de precarização e destituição das lutas trabalhistas que elencamos como locus de nossa pesquisa o grupo de estudos/práxis composto por trabalhadores que se reúnem no Sindicato dos Trabalhadores Gráficos no Estado do Ceará. A escolha ocorre pelo fato de estes indivíduos, em tempos de individualização, dedicarem-se a uma autoformação¹ dialógica e reflexiva, constituindo ciclos de cultura e debates, a fim de abordar assuntos como Economia Política, Filosofia e (Neo)liberalismo, como também outros temas que envolvem a conjuntura política, empenhados no enfrentamento da atual empreitada capitalista.

Ao observarmos seus encontros semanais, percebemos a constante nas discussões - manifestações, notícias de movimentos sociais, filmes e documentários que apontam para fatos e acontecimentos pertencentes à manifestação cotidiana das lutas de classes. Após os debates, buscando encaminhar ações de intervenção em tal realidade, estas pessoas dedicam parte de seus dias à luta coletiva, não são vinculadas a partidos políticos e criticam o reformismo enquanto saída para as imposições capitalistas. Interessa enfatizar que, em meio ao culto do individualismo, são raros aqueles que, saindo da comodidade de estar em si, se lançam ao risco de defender o comunitário e o para os outros.

Vivemos então a atualidade das proposições marxistas, isso porque, mesmo metamorfoseando-se, as formas capitalistas de opressão continuam latentes e o materialismo histórico, pensando a história como processo, ainda faz frente a esses ditames. O fato é demonstrado pela própria história, que registra no século XXI sujeitos que buscam em Marx fundamentação e possibilidades, demonstração da fertilidade inadiável do marxismo para a formação de subversivos, pois “a existência de idéias revolucionárias em uma determinada época já pressupõe a existência de uma classe revolucionária”. (MARX e ENGELS, 1982: 73). É fato que a realidade capitalista da atualidade não é exatamente a mesma estudada por Marx, entretanto, que outro pensamento, estaria tão atual para a compreensão/formação de uma subjetividade revolucionária?

¹ Denominamos autoformação, por tratar-se de um movimento formativo não vinculado a qualquer instituição formal de educação e por ter sido constituído da iniciativa dos próprios trabalhadores, que, por motivos ainda não completamente esclarecidos, procuram se apropriar de uma gama de novos conhecimentos.

É com base na práxis de luta anticapitalista e por sua implementação e fortalecimento que se reúnem no SINTIGRACE. As transformações no mundo do trabalho fecundam essa pedagogia da subversão, até porque mais do que “interpretar o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo”. (MARX e ENGELS, 1982: 14). Marx não esteve preocupado em meras elocubrações sobre o capitalismo, pois objetivou apontar meios para a ação. É assim que refletimos sobre o movimento de apropriação da teoria experienciada nos estudos do SINTIGRACE, que não se coaduna, por exemplo, com nossos estudos na academia, onde nos empenhamos, quase sempre, em apenas especular sobre o mundo do trabalho e suas transformações. Os sujeitos investigados partem da materialidade de suas existências para tentar subvertê-las e não apenas para contemplá-las em reconhecimento acadêmico.

Em análise dessa práxis educativa, identificamos a concepção de cultura anunciada por Gramsci (2004) e o papel desta em relação às vivências humanas e ao antagonismo social. Com efeito, ante tal perspectiva gramsciana, não se pode pensar a cultura desconsiderando-se a constituição histórica do homem como sujeito de suas ações e inferências no mundo. Os aspectos culturais são elaborados na tessitura das relações sociais, baseados em valores extraídos da práxis humana, em latência no SINTIGRACE, espaço no qual observamos a formação de um *círculo de cultura* (GRAMSCI, 1989), que busca estruturar uma competência intelectual coletiva, no intuito de socializar conhecimentos/experiências de lutas e fortalecer a classe em termos culturais.

Também temos o registro de uma ainda forte participação destes nos embates cotidianos em prol da luta por melhores condições de existência e defesa de uma ética marxista como atual e necessária ferramenta para superar a expropriação capitalista. Pretendemos, assim, mergulhar nesse universo e compreender-lhe as experiências e, em suas narrativas, em nossas hipóteses, alcançar o substrato do que vem a ser uma subjetividade revolucionária. Importa enfatizar que não pretendemos um manifesto acrítico com relação a esse objeto de estudo, afirmando, então, os limites de tal ação. Propomos, todavia, uma pesquisa engajada que busca dar notoriedade àqueles que ainda arriscam essa opção de vida. Lembra Konder (2006), em sua análise sobre *Ética Marxista*:

(...) o sujeito humano é levado a se defrontar com questões que não podem ser resolvidas apenas instintivamente, com desafios que exigem análises, ponderações e decisões conscientes. Os homens sabem que precisam fazer escolhas e que suas opções comportam riscos. Sentem, então, necessidade de definir critérios confiáveis para lhes proporcionar alguma segurança na hora de decidir o que é mais

importante e o que é menos importante para eles. Precisam estabelecer uma hierarquia de preferências. Isto é valores. (P. 569).

Para Konder (2006), essa capacidade teleológica do humano, de antecipar na consciência as metas a serem alcançadas, torna possível a ação consciente/pensada, aspecto que precisa ser recuperado diante da brutal apropriação da subjetividade do trabalhador pelo capital, tornando o *ser* dessa classe algo exterior a ela, que não parece lhe pertencer e distancia-se da real possibilidade de realização e emancipação, haja vista que a consciência é um momento inadiável da ação coletiva e deve ser erguida diante de valores e decisões que fortaleçam o bem comum, embora submetida a riscos de coesão. A proposta de consolidação de uma ética marxista busca justamente a superação de ações/valores antissociais que destroem a dimensão de coletividade e exaltam o individualismo e a banalização do humano.

Nesses termos, emerge a relevância de investigação do caso dos gráficos, por constituir hipoteticamente experiência tocada pela possibilidade de subversão dessa lógica de estranhamento. Estamos, então, em busca de analisar como se desenvolve essa autoformação² de trabalhadores e as implicações de tal atividade para a possível constituição da consciência de classe. Procuramos relacionar os aspectos que envolvem a busca por ampliação intelectual/cultural dos sujeitos envolvidos com sua possibilidade de formação política. Assim, algumas indagações condimentam nossas reflexões: será este um movimento consciente? As pessoas envolvidas percebem a dimensão dos estudos feitos? Quais objetivos podem ser revelados a partir de tal manifestação? O que vem a ser, objetivamente, uma manifestação da consciência de classe? Estaríamos, então, diante de uma transição que Marx intitulou em suas obras *A Miséria da Filosofia* e *A Ideologia Alemã* (com Engels), de transição da *classe em si* à *classe para si*?

Tais indagações nos remetem a uma concepção ampliada de educação, que transcende aos espaços formais e pode vir, efetivamente, a assumir um caráter politizador; possível exemplo do grupo de estudos que, na sede do Sindicato dos Gráficos, se reúne semanalmente a fim de apropriar-se, à luz da crítica marxista, de conhecimentos que envolvem a conjuntura política, econômica e produtiva, peculiaridades da atual fase do capitalismo brasileiro e mundial. A ênfase central deste estudo, no entanto, e que muito nos suscita interesse, alia-se à

² Denominamos de autoformação, por tratar-se de um movimento formativo não vinculado a qualquer instituição formal de educação e por ter sido constituído da iniciativa dos próprios trabalhadores, que, ainda não se sabe por qual motivo, procuram apropriar-se de uma gama de novos conhecimentos.

escolha da corrente teórico-metodológica do grupo, em face de uma questão crucial: temos um conjunto de trabalhadores, unidos em torno de um objetivo instigante: estudar Marx e Engels e, com suporte nestes, apropriar-se de conhecimentos que lhes foram negados na precária escolarização destinada às camadas populares brasileiras.

Com a incursão no campo, foi possível perceber que as relações formativas que envolvem nosso cenário de investigação parecem estar relacionadas ao fortalecimento da luta de classes, ou seja, estamos diante de sujeitos que vislumbram na apreensão do conhecimento mais uma forma de se fortalecer diante do domínio do capital. Referido grupo aponta para uma possível ação de resistência ao ataque por que o movimento sindical passa em tempos de desemprego estrutural e implementação das teses neoliberais, indicando que, como declara um trabalhador em entrevista,

Hoje como a luta de classes está em recuo em função do desemprego, então a gente está trabalhando essa questão da consciência, para quando esta luta se tornar mais aguda os companheiros poderem participar dela com consciência, com vontade inclusive de buscar uma nova alternativa de sociedade. (2008).

Esses trabalhadores mantêm um grupo de ações/estudos destinados à formação política, ressaltando a necessidade de constituição da consciência de classe e sem vincular-se a nenhum partido político. Este fato os desvia das intenções meramente eleitorais e consolida a busca pelo esclarecimento acerca da realidade objetiva que vivenciam. Vale mencionar que a crítica à representatividade na democracia burguesa é bastante saudável à subversão desta lógica estabelecida, principalmente porque “o governo moderno não é senão um comitê para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa”. (MARX e ENGELS, 1982: 23). Este é elemento desencadeador de debates no SINTIGRACE, ao passo que a esfera da ruptura social não pode estar aliada aos representantes do capital. Outras reflexões/posições abordadas pelo grupo dizem respeito ao momento bastante peculiar vivenciado por parte da classe trabalhadora no Brasil contemporâneo, que passa por um processo de desilusão com o PT e com outros partidos de esquerda, governistas ou de oposição.

Mencionado fenômeno assume relevância na análise do contexto sociopolítico atual, cenário-foco de nosso objeto de estudo, pois se observa um quadro de crise estrutural do capital, enfraquecimento dos trabalhadores, precarização do trabalho, destituição de conquistas sociais, dentre outras consequências para a sociedade e para a organização da classe trabalhadora. Tais elementos agudizam a descrença partidária que resulta da desilusão

sofrida pelos trabalhadores, quando, uma vez no poder, o PT se curva aos interesses do capital, não atendendo aos anseios da classe que propunha representar. Este fato impulsiona o debate no SINTIGRACE no que se refere ao discurso da representatividade/reformismo no Estado burguês, contribuindo, ainda mais, em nossas hipóteses, para o combate à convivência pacífica e humanizada com o capital, pois não é honesto conviver pacificamente com a fome e com a negação das necessidades básicas e essenciais à existência humana.

Nesse sentido, faz-se ainda necessário aprofundar os estudos sobre o refluxo dos partidos no Brasil, isto é, discutir sobre a degeneração dos partidos da esquerda brasileira, contextualizando nosso objeto diante da emergência de ações mais críticas e subversivas que se contraponham à posição reformista, haja vista que “nessa sociedade, as instituições formalmente democráticas reduzem-se, no seu conteúdo, a instrumentos dos interesses da classe dominante”. (LUXEMBURGO, 1990: 59).

O contexto abordado traz aspectos que fundamentam nossa investigação, com arrimo em Marx e Engels (1968), ao observarem que, enquanto a classe trabalhadora se restringir a lutas que apenas objetivam reformas dentro do capitalismo, como as eleições burguesas, por exemplo, não atingirá gloriosas conquistas. Nessa lógica, o máximo que se pode conseguir são algumas conquistas que, temporariamente, amenizam a exploração. Todavia Marx e Engels (1968) anunciam a relevância dos sindicatos/associações e dos embates sociais para a tomada de consciência da classe trabalhadora, fato evidenciado pelas discussões no SINTIGRACE, que fomentam um movimento em torno do esclarecimento da classe trabalhadora no que diz respeito à necessidade de fazer frente à subordinação capitalista, mesmo estando diante de um complexo quadro de combate às conquistas sociais, que fragmentam e individualizam os trabalhadores:

Temos esse problema de tentar convencer os companheiros da necessidade da formação intelectual e da formação classista mesmo, através da própria consciência de classe. Esse é um desafio muito grande, para convencer os companheiros a se dispor a vir estudar, a se dispor a dá um tempo da sua vida, mesmo depois de toda uma jornada de trabalho, ainda tirar um pouquinho de tempo para buscar conhecimento de classe, para ver a sociedade e o mundo que a gente vive com outros olhos. (2008).

Acompanhamos as reuniões por meio de observação e entrevistas, fato que nos ensejou perceber a complexidade dos inúmeros elementos gradativamente revelados para análise, que vão desde o contexto político até as características peculiares ao grupo: sua dinâmica, ritmo, tempo, impactos e sua possibilidade de transformação subjetiva dos sujeitos.

O contato mais intenso com o campo provoca-nos inquietações que suscitam tanto um maior aprofundamento teórico acerca da categoria consciência de classe quanto maior aproximação com os sujeitos investigados, no intuito de melhor apreender elementos que subsidiem o gradativo desvelamento do fenômeno. Esse contato, no entanto, ainda se apresenta superficial diante da complexidade que as interações/reflexões e os estudos desenvolvidos pelo grupo apresentam, pois a própria realidade do objeto demanda uma imersão investigativa mais profunda, para que não incorra mas no risco de proceder a análises parciais.

Nesse sentido, considerando que, como analisa Kosik (2002: 13): a “coisa em si” não se manifesta imediatamente ao homem. Então, só um contato mais profundo com o objeto pode possibilitar uma compreensão que ultrapasse a representação fenomênica e consiga atingir níveis conceituais mais próximos do real. Isto porque “o pensamento dialético distingue entre representação e conceito da coisa”, sentimos a real necessidade de fazer um amplo mergulho na realidade objetiva que se apresenta, intencionando compreender a hipotética formação de uma subjetividade revolucionária, implementada com esteio na ética marxista.

Nessa trajetória, compreendemos que o *devoir* investigativo, diante dessa práxis humana, não pode acontecer de imediato - “à primeira vista” (KOSIK, 2002), pois, ele pede um detido aprofundamento das reflexões feitas, com base nos dados colhidos e observações desencadeadas. É necessário, então, que se conceda um tratamento mais profundo às abordagens, principalmente por se tratar de um estudo que busca se deter em aspectos relacionados à subjetividade dos sujeitos investigados, porquanto “o indivíduo se move em um sistema *formado de aparelhos e equipamentos* que ele próprio determinou e pelos quais é determinado, mas já há muito tempo *perdeu* a consciência de que esse mundo é criação do homem”. (KOSIK, 2002: 74).

Em outras palavras, a tentativa de aproximação com categorias como a consciência de classe envolve uma teia de relações amplamente relacionada a determinações próprias de um sistema que busca se apropriar até da subjetividade do trabalhador. Tal relação de subsunção, própria do capitalismo, torna nosso campo investigativo ainda mais tortuoso, por tentarmos apreender esse movimento contraditório que confronta a simples *consciência de si* (MARX E ENGELS, 1998) dos sujeitos com sua efetiva *consciência para si*.

Importa ainda ressaltar que a aproximação com o campo é fundamental, pois essa vivência propicia fomentar novos debates e, gradativamente, a busca por transcender a

aparência fenomênica desse movimento e atingir a dialeticidade de sua essência. Essa experiência, que nos possibilita conhecer uma forma diversificada de educação, nos conduz também à reflexão sobre a aprendizagem que os sujeitos de nossa investigação optaram por desenvolver. Tal perspectiva nos remete a uma instigante questão levantada por Mészáros (2005):

Será o conhecimento o elemento necessário para transformar em realidade o ideal da emancipação humana, em conjunto com uma firme determinação e dedicação dos indivíduos para alcançar, de maneira bem-sucedida, auto-emancipação da humanidade, apesar de todas as adversidades? (P.47).

Estamos, por fim, diante de uma ressaltada temática, por esta conciliar aspectos formativos, políticos, ideológicos e sociais, perspectiva que suscita a aproximação com trabalhadores que preparam um espaço educacional diferenciado, revelando, em parte, as limitações das instituições formais de ensino e a possibilidade de transformação/reflexão pela educação. Nesse sentido, investigar pessoas que buscam uma inserção político-educativa por meios próprios, partindo de intenções coletivas que demonstram uma autodeterminação admirável, mantendo-se evidentes interesses classistas, torna-se um desafio de elevada importância social e científica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GRAMSCI, Antônio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 7 ed. Editora Civilização brasileira.1989.
- KONDER, Leandro. Ética Marxista. In: LÖWY, Michael. **O Marxismo na América Latina**. 2 ed. Tradutores Cláudia Schiling, Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999. 2006.
- KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio, 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.
- LUXEMBURGO, Rosa. **Reforma Social ou Revolução?** São Paulo: Global Editora, 1990.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. 3 ed. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas. 1982.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Sobre o Sindicalismo**. Seleção de Textos de C. Bastien; Tradução do Francês de João Manuel. Pontos de Vista, São Paulo, 1968.
- MARX, Karl. **Miséria de La Filosofia**. Buenos Aires: Ed. Actualidade, 1927.
- MARX, Karl. **A Ideologia Alemã**. Karl Marx e Friedrich Engels; [introdução de Jacob Gorender]; tradução Luis Claudio de Castro e Costa. – São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Clássicos).
- MÉSZÁROS, István. **A Educação Para Além do Capital**. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.